



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO**

**ESPAÇO E PERSONAGENS DO CICLO DA CANA – DE – AÇUCAR
NA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO**

JOÃO BATISTA BEZERRA DOS SANTOS

**GUARABIRA-PB
2010**

JOÃO BATISTA BEZERRA DOS SANTOS

**ESPAÇO E PERSONAGENS DO CICLO DA CANA – DE – AÇUCAR
NA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO**

Monografia apresentada à coordenação de Letras da Universidade Estadual da Paraíba a fim de cumprir os requisitos necessários para obtenção do título de Licenciatura plena em Letras sob a orientação de prof^a. **Dr^a. Wanilda Lima Vidal de Lacerda.**

**GUARABIRA-PB
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S237e Santos, João Batista Bezerra dos

Espaço e personagens dos ciclo de cana-de-açúcar na obra
de José Lins do Rego / João Batista Bezerra dos Santos. –
Guarabira: UEPB, 2010.

47f.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Wanilda Lima Vidal de Lacerda”.

1. José Lins do Rego 2. Modernismo
3. Cana-de-açúcar I. Título.

22.ed. CDD 869.9

JOÃO BATISTA BEZERRA DOS SANTOS

BANCA EXAMINADORA

COMISSÃO EXAMINADORA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda
(Orientadora) CPF: 025071614-34

Luana Anastácia Santos de Lima

Prof. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima
(Examinadora) CPF: 060613834-01

Suênio Stevenson Tomáz da Silva

Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomáz da Silva
(Examinador) CPF: 034.138.464-00

Aprovada em 20 de dezembro de 2010.

Guarabira – PB

*À minha mãe dona **Maria**, mulher lutadora que me educou para a vida e ao meu filho **Caio César**, eles em gente simples a quem amo com profundidade divina.*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** por ter me dado força e coragem para superar as etapas dolorosas que enfrentei ao longo da caminhada.

A professora **Wanilda**, pela orientação, colaboração, carinho e incentivo na realização deste trabalho.

À minha amiga **Verônica**, luz que irradia o universo e que tanto me alegrava com sua simplicidade.

Aos meus amigos especiais do curso **Cilene, Jônio, Célia, Anielly, Emanuel**

À professora **Neni**, pelo carinho que sempre teve com a turma.

À **Elisiane** pelo companheirismo e carinho que tem me dado nesse pouco tempo de convivência.

Aos **professores** do Curso de Letras pelo empenho dado ao curso.

Aos professores **Luana e Suênio** por terem aceitado participar da banca.

Ao meu amigo **Zé Paulo** pela valorosa contribuição que muito me ajudou.

Aos **amigos** do Curso de Letras, em especial das duas turmas que frequentei.

À **Coordenação** do Curso de Letras.

Aos meus **amigos** de uma forma geral que sempre tiveram carinho por mim.

Aos que não foram lembrados, mas que contribuíram com essa conquista.

E a todas as pessoas que sempre estiveram ao meu lado na realização desta etapa.

O meu muito obrigado.

“O saber deve ser como um rio, cujas águas doces, grossas, copiosas, transbordem do indivíduo, e se espraíem, estacando a sede dos outros”. Gilberto Freyre aos 17 anos, no curso de formatura no ensino médio.

ESPAÇO E PERSONAGENS DO CICLO DA CANA – DE – AÇUCAR NA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO

João Batista Bezerra dos Santos – CH/UEPB
Wanilda Lima Vidal de Lacerda – CH/UEPB

RESUMO

Este trabalho monográfico, composto de seis capítulos, resultou de uma pesquisa bibliográfica no acervo da Biblioteca Central da Universidade Estadual da Paraíba e em sites especializados na internet. Partimos inicialmente do contexto histórico e social em que surgiu o Modernismo, nas primeiras décadas do século XX. Época com profundas transformações, inclusive as culturais que, no Brasil, culminaram com a Semana de Arte Moderna de São Paulo cujas idéias inovadoras logo se expandiram para o restante do país. No segundo capítulo, analisamos o início do Modernismo no Brasil, suas fases e o aparecimento do movimento regionalista no Nordeste. No terceiro capítulo fazemos um breve comentário sobre José Lins do Rego e sua inserção nesse movimento literário. No quarto capítulo, apresentamos os vários espaços presentes em suas obras do ciclo da cana-de-açúcar e sua importância para a narrativa, no sentido de se entender detalhes que surgem ao longo do enredo. No quinto capítulo destacamos alguns dos personagens principais e sua relação com o espaço vivido. O objetivo de nosso trabalho é mostrar como as mudanças artísticas e literárias do Modernismo não foram uniformes, tiveram aspectos diferentes, conforme a região geográfica e o pensamento de cada escritor, destacando a visão de mundo de José Lins do Rego representado principalmente nas obras do chamado ciclo da cana-de-açúcar. Daí a razão de destacarmos o espaço em que se movem suas principais personagens, objeto para ele denunciar os problemas sociais que afligiam o Nordeste açucareiro. Também mostramos como em sua abordagem regionalista, ele inovou na forma de escrever, com uma linguagem simples, bem próxima da oralidade popular, fruto da sua vivência com a realidade ali retratada e com a convivência que teve com muitos dos personagens presentes em sua narrativa. Por isso, podemos afirmar que sua obra é uma obra de denúncia e de memórias que merecem ser resgatadas.

Palavras-chave: Modernismo, José Lins do Rego, Espaço, Cana – de - açúcar, Personagens.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	08
2 – O MODERNISMO LITERÁRIO NO BRASIL	12
2.1 – O Modernismo Regionalista	15
2.2 - O Nordeste Canavieiro	18
3 – ZÉ LINS E O CICLO DO AÇÚCAR	20
4 – OS ESPAÇOS NA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO	22
4.1 – A várzea do Paraíba	22
4.2 – o engenho e a Casa – Grande	24
4.3 – O alpendre da Casa – Grande	29
4.4 – O canavial	30
4.5 – A estrada	31
4.6 – A cidade	32
5 - PERSONAGENS DA OBRA DE ZÉ LINS DO REGO	34
5.1 - O tripé: Mestre Zé Amaro, Coronel Lula de Holanda e Capitão Vitorino	34
5.2 – Carlos de Melo e Coronel José Paulino	36
5.3 – Outros personagens	37
5.4 - A mulher na obra de Zé Lins	38
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
7 – REFERÊNCIAS	45

Lista de Figuras

Figura 01 - Esquema representativo de um engenho tradicional _____27

Figura 02 - Casa – Grande do engenho corredor pertencente a família de José Lins do Rego

29

1 INTRODUÇÃO

A literatura no Brasil esteve, por muito tempo, ligada às ideias vindas da Europa, principalmente, de Portugal e França. Apesar de existir grandes escritores, a literatura no Brasil não tinha modelo próprio. Seguia basicamente o modelo europeu. Só nas primeiras décadas de século XX é que a literatura feita no Brasil começa a se desprender das ideias do velho continente e seguir rumos próprios. É nesse período que ocorre a Semana de Arte Moderna em São Paulo (1922), e quando inicia o período chamado de Modernismo Brasileiro.

A nova corrente literária que se inicia, chamada de Modernismo, vai apresentar três fases marcadas por gerações diferentes. A primeira fase vai de 1922 a 1930, a segunda fase vai de 1930 a 1945 e a terceira inicia em 1945 e vem até os dias atuais. É na segunda fase, chamada de período de construção, que está focalizada a pesquisa do presente trabalho. Nesse período, a literatura brasileira entra em uma fase de amadurecimento, em que os novos escritores expõem em suas obras a preocupação com os problemas sociais de seu tempo. É a fase do predomínio da ficção, sobretudo, regionalista.

Mesmo com o enfoque nacionalista apresentado por alguns intelectuais brasileiros, no sentido de transformar o país através da modernidade, muitos ainda estavam ligados ao modelo europeu. Com as turbulências ocorridas na Europa, no início do século XX, a literatura brasileira adquiriu mais independência. As referências de antes não são mais modelos a serem seguidos e com isso rompeu com a tradição, passando a apresentar uma nova visão do país.

Nessa fase, as personagens de destaque são pessoas comuns, do povo, que levam uma vida simples, sendo retratados todos os seus problemas e angústias. É desse período da literatura que o romance social nordestino teve seu reconhecimento com autores como Jorge Amado, José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, os mais representativos prosadores da segunda fase modernista. É na obra deste último que nos propomos centralizar este estudo, destacando os aspectos que formaram e influenciaram sua obra.

Zé Lins vai destacar em sua obra toda decadência e problemas existentes no Nordeste agrário, que vivia do cultivo da cana-de-açúcar. Nela, ele insere a lenta

derrocada dos engenhos bangüês com a chegada do capital, através da industrialização de exploração açucareira, sendo a usina o maior expoente dessa modernização. Percebe-se em seus romances do chamado “*ciclo da cana de açúcar*” que a modernização e o progresso que chega, representam a decadência para alguns e, para outros, grandes lucros.

Outro aspecto de grande relevância na obra de Zé Lins é que ele demonstra que tanto os senhores de engenho quanto as pessoas, que dependiam da relação patriarcal antes existente, sofrem com a chegada da usina. É nesse cenário de profundas mudanças que os escritores regionalistas veem “a máquina como um monstro feroz, impessoal e impiedoso absorvendo tudo o que vem pela frente, industrializando o homem e a natureza.” (TRIGO, 2002, p. 119).

O território dos engenhos bangüês, antes dominados pela relação patriarcal, vai dar lugar ao território da Usina com suas máquinas. O bueiro construído com tijolo da terra do próprio lugar cede a vez para a chaminé feita de aço em algum grande centro industrial.

O antigo senhor de engenho, que vivia nas suas terras dando ordens e controlando a produção, desaparece. Nesse momento, entra em cena o usineiro, homem de negócios que mal vai às Usinas, ficando grande parte de sua vida nos grandes centros a usufruir de todo o lucro que a exploração da cana lhe proporciona.

Enquanto o usineiro se afasta da Usina, para viver do lucro que ela garante, os antigos moradores dos engenhos são expulsos pela máquina que se instala. Máquina que não come, não adocece e não se cansa. Isso gera graves problemas sociais, uma vez que o homem afastado de seu lugar de origem vai se estabelecer nas cidades formando os bolsões de pobreza.

Essas turbulências que apareceram nas décadas de 30 e 40 do século XX foram determinantes para o surgimento do Regionalismo Modernista, nova corrente literária que aos poucos vai influenciando novos escritores que em suas obras vão denunciando os problemas sociais por que as pessoas passavam.

Nesse contexto, Zé Lins se torna um dos mais expoentes dessa nova corrente, junto com outros grandes escritores como Raquel de Queirós, Jorge Amado, Graciliano Ramos e outros que em seu regionalismo denunciam os graves problemas sociais pelos quais o Nordeste passava.

A partir desse enfoque histórico e social, analisamos neste trabalho o espaço existente na obra de José Lins do Rego e a relação que este autor estabelece entre

os vários aspectos que compõem sua obra, mais precisamente nas do ciclo da cana-de-açúcar e, por fim, destacamos alguns personagens e como ele apresenta o aspecto humano em sua obra, através de suas personagens tão reais.

Estudar a obra de um grande escritor como José Lins do Rego dentro do modernismo é procurar entender como vivia organizada essa sociedade já que este autor participou diretamente dessa sociedade na qualidade de neto de senhor de engenho. É com essa experiência vivida que ele escreve os seus mais importantes trabalhos, descrevendo atentamente a relação patriarcal que existia nos engenhos de cana - de - açúcar no Nordeste do Brasil.

Em sua obra, o homem simples é colocado em evidência; não só o homem simples ganha destaque em sua narrativa, mas todos os tipos humanos, seus problemas e aflições adquirem em sua obra grande importância. A importância que a personalidade humana assume em sua obra é fruto do seu convívio com os tipos mais diversos quando frequentava o engenho de seu avô, localizado no vale do rio Paraíba. Essa convivência foi a grande fonte para a elaboração de toda sua obra. Nela incorporam personagens marginalizados pela sociedade com todos os seus problemas e aflições.

Essa decadência, vinda em decorrência da chegada das grandes usinas, mais modernas e equipadas, que aos poucos incorporam os pequenos engenhos que não se modernizaram, também modifica fortemente toda configuração territorial e social apresentada pelo Nordeste açucareiro, fato que este trabalho pretende também mostrar: o ponto em que as mudanças ocorridas foram fundamentais para determinar tal configuração territorial.

Outra forma utilizada na elaboração deste trabalho monográfico foi conhecer in loco o território em que viveu José Lins do Rego, fonte de inspiração para sua obra, e do qual ele utilizou na escrita dos seus romances do *ciclo da cana-de-açúcar*, para se compreender de que forma era utilizado o espaço pelos senhores de engenho. Com o contexto sócio-cultural brasileiro e mundial a partir da década de 30, o Nordeste, que sempre foi tratado em segundo plano, apesar de ter grandes nomes na literatura nacional aparece com uma nova forma de fazer literatura, que insere nas páginas dos livros a realidade vivida pela sociedade.

Este trabalho será composto de seis capítulos. A metodologia que aplicamos na elaboração deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica no acervo existente na Biblioteca Central da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, que trate do

tema, ou está ligado à obra de José Lins do Rego. Foi utilizada, também, pesquisa na internet em sites especializados.

2 O MODERNISMO LITERÁRIO NO BRASIL

Como movimento literário, o Modernismo teve seu início no ano de 1922 com a Semana de Arte Moderna em São Paulo, abrangendo também outras regiões do país com a finalidade de superar a literatura existente. Procurava, sobretudo, uma renovação na forma de escrever e entender as mudanças que se processavam na cultura do país naquele período. Como corrente literária, o Modernismo não se restringiu somente à Semana de Arte Moderna. Ele perdura até os dias atuais e não é restrito apenas às artes, mas também a uma nova forma de entender as mudanças que se processam no mundo contemporâneo em diversas áreas.

A literatura “moderna” no Brasil é o que se denomina o Modernismo, termo que se vai fixando na historiografia literária para designar o período estilístico inaugurado com a “Semana de Arte Moderna” (1922) e vindo até os dias presentes. Modernismo assim, não é apenas o movimento restrito à Semana de 1922, mas abrange toda a época contemporânea. (COUTINHO, 2007, p.247)

Todo esse processo de renovação cultural por que o Brasil passou a viver, a partir da Semana de Arte Moderna, não aconteceu por acaso, foi um acontecimento que veio amadurecendo ao longo dos anos. As agitações mundiais que ocorreram nas primeiras décadas do século XX, sobretudo a guerra de 1914 a 1918, vieram contagiar o espírito de alguns vanguardistas que não admitiam o Brasil ficar de fora da modernidade e do rápido progresso que os meios de comunicação estavam alcançando, sendo, portanto, o Modernismo estritamente vinculado às transformações sociais que ocorriam no mundo.

[... ao contrário do que pensam alguns críticos, o Modernismo não se restringiu à Semana de 1922, nem tampouco à fase heróica de 1922 a 1928 ou 1930. Modernismo, no consenso crescente dos mais autorizados intérpretes da literatura contemporânea, é o período que, inaugurado pela Semana, vem até os nossos dias, valorizando o espírito moderno, o atual e o novo em detrimento do passado. COUTINHO, 2007, p. 276]

Ele é um movimento contemporâneo e engloba a forma de pensar e de criar literatura evolutivamente. Pode-se dizer, também, que o movimento está dividido em fases e que as diferenças das várias gerações correspondem às atitudes dos diversos grupos presentes no movimento. Essas fases vividas pelos Modernistas trouxeram divergências regionais, mas sempre focalizando os mesmos ideais de renovação cultural e acadêmica.

O movimento modernista brasileiro como se tem pensando pode ser dividido em três fases distintas cada uma com suas peculiaridades que são:

a) A 1ª fase que vai de 1922 a 1930 e que corresponde ao Modernismo proposto por Tristão de Ataíde. É a fase revolucionária do movimento que se rebela contra toda ordem política, social e cultural.

b) A 2ª fase está situada entre os anos de 1930 a 1945 e que engloba o regionalismo, sobretudo o regionalismo nordestino em sua fase. Designa-se também como Pós-Modernismo.

c) A 3ª do Modernismo começa no ano de 1945 e vai até os dias atuais correspondendo àquilo que muitos críticos denominam de Neomodernismo, sendo um movimento contemporâneo.

Apesar dessa divisão que se processou dentro do movimento, o caráter Moderno permaneceu e cada geração trouxe para o movimento uma forma nova de se fazer literatura no Brasil e não se limitou apenas à esfera literária e artística, incluindo todo o complexo cultural no âmbito nacional com identificação popular. Segundo Coutinho, (2007, p. 280), “foi um movimento de integração.”

Pode-se também afirmar que o Modernismo foi um estilo novo de pensar a vida e os problemas sociais que a sociedade brasileira enfrentava, já que nessa época existia uma crise na sua estrutura política que era dominada pela oligarquia rural. E que Coutinho (2007, p. 280) afirmava que “essa crise manifesta-se na política, vida social, artes. O Modernismo foi o novo estilo surgido da consciência nacional para enfrentar e exprimir a nova atitude brasileira nas artes e letras, vida e cultura.”

Com isso, verificamos que o movimento Modernista no Brasil ultrapassou as fronteiras das questões culturais em que se iniciou criando, na sociedade brasileira, um sentimento de renovação social e cultural que antes não existia e isso vai servir de base para as profundas transformações que o Brasil sofre nos anos seguintes.

De todos os idealizadores que o movimento Modernista brasileiro teve, Mário de Andrade foi o que mais ganhou notoriedade e importância frente à nova corrente de pensamento literário que o país, a partir de então, apresentava. Ele era tido como o líder intelectual pelos outros artistas e tinha um profundo sentimento de amor pelas coisas ligadas à literatura. Sua intensa atividade intelectual ligada à literatura influenciou outros artistas e sua produção intelectual foi de fundamental importância no desenvolvimento do Modernismo no Brasil.

Se um movimento deve a uma grande personalidade parte significativa de seu êxito, é inegável que, no caso de Modernismo, assim na fase demolidora e heróica, que também em seu período mais construtivo, essa personalidade dirigente foi a de Mário de Andrade, que, no conto, na epopéia do *Macunaíma*, na poesia, na crítica e teoria literárias, na linguagem, nos estudos folclóricos, para não referir os vários outros setores onde sua ação se fez sentir, deixou o sinete de sua capacidade criadora e inovadora em conquistas definitivas para a inteligência brasileira, conquistas tão importantes como realizações positivas quanto como lições e exemplos da genuína e correta atitude do espírito brasileiro, de agora em diante, no que concerne à literatura, seja no aspecto temático ou foral, na inspiração ou na técnica. (COUTINHO, 2007, pp. 281-282)

Todo esse movimento de renovação cultural e artística pelo qual o Brasil estava passando teve a cidade de São Paulo como o palco central dos acontecimentos mais importantes. Isso não quer dizer que o movimento não teve força e não se realizou fora de São Paulo, mas quer dizer que os principais acontecimentos e atores do movimento em voga eram de São Paulo, já que todo o processo de industrialização que estava acontecendo no Brasil naquele período tinha nessa cidade o seu maior expoente.

Nessa cidade o movimento assumiu traços radicais sob o aspecto estético e agressivo sob o aspecto polêmico. O panorama, aliás, era menos rico e mais simples, como ocorre na província: de um lado, uma literatura oficial de pouca importância; do outro, os renovadores. (CANDIDO e CASTELO, 2001, p. 15 – 16)

Para Candido, (1999, p. 68) “o modernismo foi um movimento cultural e social de âmbito largo, que promoveu a reavaliação da cultura brasileira e teve uma conotação simbólica por ter sido iniciado no ano de centenário da independência (1922)”. Isso mostra o desejo dos escritores de ter uma literatura feita no Brasil por brasileiros, contribuindo para a liberdade de criação e experimentação, deixando de lado a estética acadêmica e pregando o uso da linguagem de acordo com as características existentes no Brasil através da incorporação do vocabulário e da sintaxe, uma vez que o Brasil é um país onde as raças e culturas se misturam” (CANDIDO, 1999, p.70).

2.1 O Modernismo Regionalista

O Modernismo como nova corrente literária brasileira, que tem na renovação cultural e artística um dos seus objetivos, trouxe, além da renovação de que se

falou, um outro pensamento para se compreender os estudos literários no Brasil - o Regionalismo, termo utilizado para designar as obras literárias comuns à determinada região do país. As diferenças geográficas, culturais e sociais são as suas marcas mais características presentes.

Há vários modos de interpretar e conceber o Regionalismo: alguns o veem como provincianismo de mal sentido; outros o reduzem a sinônimo de localismo literário. Para Coutinho (2007, p. 202),

Num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo. Neste sentido, um romance pode ser localizado numa cidade e tratar de problema universal, de sorte que a localização é incidental. Mas estritamente, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local.

Assim, percebe-se que a literatura regional é ampla e destaca toda riqueza cultural e natural da qual faz parte, incluindo o espírito humano nos seus diversos aspectos. Retrata o homem, sua linguagem e a paisagem em que está inserido.

No Brasil, o Regionalismo literário ganhou destaque dentro do movimento modernista através da publicação das obras de escritores que não pertenciam à região onde o movimento modernista iniciou primeiro, como São Paulo e Rio de Janeiro. Dentro desse Regionalismo, podemos citar o Regionalismo Nordestino que se inicia com a formação do grupo do Recife pelo sociólogo Gilberto Freyre que foi “um dos promotores do congresso Regionalista do Nordeste em 1926” (CASTELO e CANDIDO, 2001, p. 17). As idéias do Movimento Regionalista vieram a inspirar outros artistas na concretização de sua obra Regional a exemplo de José Lins do Rego.

No Regionalismo Nordestino ganha destaque a publicação de **A Bagaceira** de José Américo de Almeida em 1928, que se tem como o início de uma série de obras cuja intenção foi denunciar os problemas econômicos e sociais do Nordeste. O Modernismo, desde cedo, mostrou-se propenso a consolidar essa tradição. A sua preocupação era com as coisas brasileiras, com os motivos e temas nacionais, folclóricos, regionais, e com a linguagem brasileira (COUTINHO, 2007 p. 273).

As agitações ocorridas a partir da década de 30 do século XX foram de extrema importância para o surgimento da nova corrente do pensamento literário.

Nesse período, surgem “a ficção sócio-realista que tem a objetividade, a simpatia pelos propósitos de reconstrução social e a vontade de fazer literatura não com os heróis pré-fabricados, mas com os humilhados, os injustiçados a forma de fazer literatura” (MOISÉS, 2008, p. 391). Característica essa também presente no neo-realismo Português.

Esses fatores foram preponderantes para a nova literatura que surgia, uma literatura de ficção realista e que aborda as questões sociais e os conflitos psicológicos que afligem o homem. “Essa literatura de ficção no Brasil teve no romance regionalista a sua grande produção literária em que apareceram nomes como o de Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, entre outros.” (BOSI, 2006, p. 388)

Todas essas agitações que foram sentidas nas décadas de 30 e 40 do século XX só ganharam espaço na literatura regionalista com o amadurecimento do pensamento literário dos escritores. Para eles, o modernismo surgiu como uma porta aberta para suas ideias, mas o caminho por eles percorrido foi outro, dando ênfase às questões sociais e comportamentais, fugindo do academismo e procurando sempre renovar.

Esse enfoque que se tem dado à literatura regionalista só foi possível porque ela surgiu durante esse período da literatura. Com ele, a literatura passou a reconhecer o novo e exigir novas experiências artísticas, sendo, portanto, um divisor de águas de nossa literatura. Segundo Alfredo Bosi (2006, p. 385),

A prosa de ficção encaminhada para o realismo bruto de Jorge Amado, de José Lins do Rego de Érico Veríssimo e, em parte de Graciliano Ramos, beneficiou-se amplamente da descida à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos, que a prosa modernista tinha preparado.

Vê-se com isso a liberdade que esses autores puseram na elaboração de suas obras, destacando os aspectos e formas de falar de cada região, sobretudo do Nordeste brasileiro, região esquecida também na literatura. O sentido da existência do Modernismo como corrente literária é ser uma literatura que atingisse o maior número de pessoas possível, ou seja, a grande massa. No Brasil, “o movimento modernista teve duas características distintas que foi o movimento paulista reagindo ao movimento nordestino e vice-versa.” TRIGO, 2002.

No movimento nordestino, destaca-se de sobremaneira a ficção de José Lins do Rego, um dos mais representativos escritores do regionalismo nordestino que imprimia em sua obra os aspectos e formas de viver de parcela do povo nordestino, sobretudo o que vivia da produção açucareira.

Visceralmente ligado a uma região com um passado riquíssimo, mas com um presente e um futuro sem grandes perspectivas, José Lins, como outros autores, voltou suas atenções para o passado, para uma cultura ameaçada de destruição pela emergência de novas formas de organização do mundo do trabalho – e que ele se esforça dramaticamente para fixar. (TRIGO, 2002, p 82)

A partir disso, percebe-se claramente o grande valor que José Lins do Rego dava às questões regionais na elaboração de sua obra, “valorizando a linguagem popular e auto-reflexão no interior da própria obra, pensando e criticando quando escrevia.” TRIGO, 2002.

2.2 O Nordeste Canavieiro

Um dos principais produtos utilizados na economia brasileira visando ao lucro foi a cana-de-açúcar. Trazida pelos portugueses quando aqui chegaram, ela influenciou bastante na organização da ocupação territorial brasileira, sendo “um instrumento da viabilização colonial portuguesa e a matriz do primeiro modo de ser dos brasileiros.” (RIBEIRO, 2006, p.249)

Produto de clima tropical, a cana – de - açúcar se adaptou perfeitamente em solo brasileiro onde os primeiros cultivos se deram na região Nordeste, primeira parte do Brasil a ser colonizada pelos portugueses. Produzida em solo fértil e clima favorável ao seu plantio, em pouco tempo, os canaviais e os engenhos se multiplicam, tendo como limitações apenas a disponibilidade de mão – de – obra.. Continuando, Ribeiro afirma que:

Os primeiro engenhos de açúcar surgem no Brasil antes de 1520 e rapidamente se dispersam por todos os pontos da costa habitados por portugueses. Acabaram por concentrar-se nas terras de massapé do Nordeste e do recôncavo baiano, ficando as bases da civilização do açúcar, cujas expressões urbanas floresceram nas cidades – porto de Olinda – Recife, em Pernambuco, e de Salvador, na Bahia. (RIBEIRO, 2006, p. 250)

A região Nordeste foi a primeira região a ter o cultivo da cana, mas esse cultivo não foi praticado em todo o território nordestino. Ficou restrito ao litoral e zona da mata nordestina que vai do Rio Grande do Norte à Bahia e por onde passavam rios que servem para irrigar as plantações, que no período das cheias trazem muita matéria orgânica, deixando o solo muito fértil. É nesse espaço que se desenvolveu toda a produção açucareira do Brasil colonial e onde se inicia o processo de urbanização brasileira. Ao longo de toda sua extensão territorial, a faixa litorânea foi ocupada por muitos engenhos que determinaram o ritmo de vida das pessoas.

O cultivo da cana praticado na faixa litorânea e zona da mata ainda está presente nos dias atuais. No início quem produzia o açúcar eram os grandes engenhos e “alguns outros pequenos que fabricavam aguardente e rapadura destinados ao mercado interno” (RIBEIRO, 2006, p. 251). Na atualidade, os engenhos foram substituídos pelas grandes usinas que mecanizaram toda a produção açucareira, e que além de modificar a produção, pôs fim a uma relação patriarcal secular que tinha o senhor de engenho e os escravos como representantes máximo dessa relação.

A polaridade social básica da economia açucareira - o senhor de engenho e o escravo - uma vez plasmada como uma forma viável de coexistência, constituiria uma matriz estrutural que, adaptada a diferentes setores produtivos, possibilitaria a edificação da sociedade brasileira tradicional (RIBEIRO, 2006, pp. 251 - 252)

Essa polaridade de que se fala entre o senhor de engenho e os escravos estão bem presentes na obra de Jose Lins do Rego quando ele apresenta o velho coronel Jose Paulino, senhor de engenho, mandatário das terras e dono dos escravos que trabalhavam em seu engenho.

A divisão das terras do Brasil em capitanias hereditárias favoreceu muito o processo de ocupação das terras recém conquistadas por pessoas ligadas à coroa portuguesa formando uma nova classe social que governava as terras e influenciava nas decisões político – administrativas. Isso fez com que o Nordeste ficasse submisso a uma determinada classe social composta por famílias tradicionais que viviam da exploração e que não aceitavam no grupo familiar alguém que não fosse da própria família ou parente direto. Para RIBEIRO (2006, p. 253)

A família patriarcal do senhor, seus filhos e aparentados mais diretos, ocupava tão exaustivamente as funções do lar de tipo romano que não deixava espaço para outras formas dignas de acasalamento. O próprio senhor e seus filhos eram, de fato, reprodutores soltos ali para emprenharem a quem pudessem. Nenhuma hipótese havia nesse ambiente para que os negros e mestiços tivessem qualquer chance de se estruturar familiarmente.

Essa organização da vida social foi responsável pela criação de uma elite que discriminava quem não pertencesse ao seu grupo. Pode-se até mesmo dizer que havia um apartheid nessa organização, já que a escravidão estava presente naquele período de nossa história. Os interesses da classe dominante sempre prevaleciam sobre os demais que viviam sob o domínio da classe mais privilegiada.

3 ZÉ LINS E O CICLO DO AÇÚCAR

Dos escritores do período modernista, José Lins do Rego é o que melhor escreve sobre suas raízes. Sempre com uma abordagem regionalista na sua forma de escrever, colocando em suas obras personagens e situações vividas por determinada classe social nordestina, esquecida pela sociedade e pela literatura brasileira. Dentre seus livros, destacamos aqui: Menino de Engenho, Usina, Meus Verdes Anos, Fogo Morto, O Moleque Ricardo, Doidinho e Bangüê que fazem parte do ciclo da cana – de – açúcar.

Nascido no ano de 1901, no município de Pilar, localizado no vale do Rio Paraíba, espaço que serviu de palco para a criação dos seus principais romances do ciclo da cana-de-açúcar. Filho de João do Rego Cavalcanti e Amélia do Rego Cavalcanti, proprietários do engenho Corredor, Zé Lins conviveu com o mundo rural nordestino e tipos humanos característicos do lugar que o inspira na sua criação literária, escrevendo sobre esse povo e lugar REGO (2007, p.9)

Como todo filho de família oligárquica ou descendente da mesma, ele teve uma educação voltada para o bacharelado, que era o desejo de toda família rica da época. Sua paixão pela literatura começou cedo. Em 1912 ao ingressar no Colégio Diocesano Pio X, na capital do estado, participa da sociedade literária chamada **Arcádia**, escrevendo sobre Joaquim Nabuco. Em 1915, muda-se para o Recife onde pouco tempo depois ingressa na renomada Faculdade de Direito do Recife (OLIVEIRA, 2005)

As agitações culturais que o Sul vivia como a Semana de Arte Moderna e o início do Modernismo, também foram sentidos no Nordeste, tendo Pernambuco como centro dessas agitações. E é através da amizade com o sociólogo Gilberto Freyre e conhecimento de suas ideias que Zé Lins vai participar do movimento regionalista - tradicionalista que buscam ser um contraponto ao futurismo de São Paulo defendido aqui no Nordeste pelo jornalista pernambucano Joaquim Inojosa. Zé Lins foi um dos mais críticos do movimento de São Paulo, classificando a Semana de Arte Moderna como um acontecimento de meia dúzia de rapazes inteligentes e lidos em francês. (CHAGURI, 2007, p. 50)

Essa crítica Zé Lins fez uma vez que para ele a literatura tem que ser fruto da sensibilidade e que seja legítima não como composição e sim como vida. Para ele, a

importância da língua tanto para a construção das tradições quanto para a escrita estão intimamente ligadas à linguagem oral, vinda do povo. Nisso, ele é considerado um escritor único, que tem sua língua ao valorizar a linguagem oral em detrimento das regras da gramática da língua culta, acessível apenas aos acadêmicos. Ao utilizar a linguagem oral, ele é também um escritor popular por incluir nos seus romances personagens populares como cegos, cantadores das feiras e marginalizados pela sociedade excludente, tornando a literatura uma coisa viva, não querendo criar linguagem nova, mas escrever próximo à realidade oral vivida (CHAGURI, 2007, p. 65).

José Lins do Rego é um escritor que foge da linguagem acadêmica. Segundo Villaça, no prefácio de *O Moleque Ricardo*, há nele uma condensação e transfiguração literária da fala coloquial do nordestino (Rego, 2007, p. 25). A sua gente e a sua terra vão compor o cenário perfeito para seus romances através da oralidade e regionalismo com naturalidade e autenticidade.

4 OS ESPAÇOS NA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO

Para Bachelard (1978, p. 196), o espaço é um reflexo das imagens bem simples, as imagens do espaço feliz. Continuando, ele afirma que o espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente, abandonado à medida e reflexo do geômetra. É vivido. O espaço dos engenhos é um espaço em que a vida humana se faz com bastante intensidade. As relações interpessoais e patriarcais estão bem presentes. É um lugar onde tudo se desenvolve e onde os objetos e ações caminham juntos.

O espaço adquire importância na narrativa quando o autor fundamenta sua análise nas simbologias encontradas, no sentido de explicar cada detalhe que vai surgindo ao longo do enredo. Outro detalhe que se leva em conta na análise espacial numa narrativa é a sua relação tempo/espaço. Antes se pensava o espaço somente como configuração física, esquecendo as imagens e os dobramentos que se passava nesse espaço e que ele influenciava. O tempo se liga ao espaço no momento em que os acontecimentos vão acontecendo cronologicamente, através da expansão do imaginário. Essa forma de se conceber a narrativa está nitidamente presente na obra de José Lins do Rego, na qual os acontecimentos seguem toda uma ordem estabelecida pelo autor e eles se passam nos espaços por ele descritos.

Na obra de José Lins do Rego, principalmente nos seus romances do ciclo do açúcar, o espaço dos engenhos ganha muito destaque. Podemos citar dois livros do autor que retrata bem o espaço nos engenhos: *Meus Verdes anos e Menino de Engenho*. Nesses dois livros o autor relata toda a experiência vivida quando criança no engenho de seu avô, coronel Zé Paulino. Neles, o espaço dos engenhos é claramente mostrado, com toda sua vida presente e seu encantamento.

4.1 A Várzea do Paraíba

Nos seus romances do ciclo da cana-de-açúcar todos os acontecimentos se passaram na Várzea do rio Paraíba, grande produtora de cana-de-açúcar. Foi nessa região litorânea que se desenvolveu o cultivo da cana e que foi um dos nossos primeiros produtos a serem explorados. Era a região dos engenhos, dos senhores de engenhos, homens que possuíam várias extensões de terras para o cultivo da cana e onde existia uma grande exploração da mão-de-obra, sobretudo a escrava.

A várzea do baixo Paraíba é o cenário que Zé Lins retrata em sua obra do ciclo da cana – de - açúcar. Descendente dessa região da zona da mata paraibana, ele descreve atentamente toda dinâmica espacial presente nela. Uma região ocupada por grandes canaviais e onde existia a presença de muitos engenhos bangüês. São retratadas por ele o auge e a decadência desses engenhos com a chegada da Usina, provocando uma verdadeira modificação espacial do lugar.

José Lins era um apaixonado por sua terra e com isso transformou tudo que presenciou em literatura. Tinha orgulho de sua gente e suas tradições, recriando-a literariamente e, portanto, sonhava em continuar com a mesma forma de vida sempre. A tradição dessa vida o enchia de orgulho de ter saído de tal gente. Zé Lins escreveu como poucos sobre sua terra e sua gente de modo objetivo e direto, retratando todo o espaço e vida que havia na várzea com os bangüês.

Quando o engenho estava moendo mudava tudo. Nos tempos da fábrica pejada, a vida era outra. O mata – pasto tomava conta da bagaceira, os canários cantavam pelos pés de mulungus e havia silêncio de casa abandonada pelos quatro cantos da “moita”. Só o mestre Francelino ficava na casa - de - purgar preparando o barro para a limpa do açúcar. (Rego, 2008, p. 42)

Nessa mesma obra, ele retrata o menino Carlos de Melo, o Carlinhos, em contato com os moleques da bagaceira, que andam nus e descalços e tinham como lazer os banhos no rio. Essa experiência é fundamental para o apego que o menino Carlinhos vai adquirir de sua terra e da sua gente. Os banhos no rio eram recheados de muitas brincadeiras. “E sacudiam a pedra dentro do poço, mergulhando para pegá-la no fundo. Espanavam a água com os cangapés ruidosos, e saía sempre gente chorando, com enredos para casa. O dia todo passávamos assim, nessa agitação medonha.” (Rego, 2004, p. 44)

A várzea é uma das paixões do escritor Zé Lins onde o personagem Carlinhos viveu seus melhores dias. Nela, Carlinhos teve a primeira experiência sexual, influenciado pelos moleques. O rio é o ponto de lazer para eles, e lá eram realizadas todas as travessuras de menino. Ele foi a grande marca da paisagem da várzea e o ciclo vital depende dele, fonte de sobrevivência e lazer que encanta a todos, mas que mete medo em épocas de grandes cheias.

Nas grandes secas o povo comia aruá que tinha gosto de lama. O leito do rio cobria-se de junco e faziam-se plantações de batata-doce pelas

vazantes. Era o bom rio da seca a pagar o que fizera de mau nas cheias devastadoras. E quando ainda não partia a corrente, o povo grande do engenho armava banheiros de palha para o banho das moças. As minhas tias desciam para a água fria do Paraíba que ainda não cortava sabão. (REGO, 2008, p.45)

Percebe-se na obra de Zé Lins que a construção do espaço é baseada na descrição minuciosa das ações das pessoas, dos moleques da bagaceira e das reações vividas pelos personagens de seus romances. Essa descrição é fruto da interação espaço/ personagem, pois este é fortemente influenciado pelo meio. Isso é o que acontece com Carlos de Melo quando passa a viver no engenho Santa Rosa pertencente ao avô. A convivência que ele tem na várzea vai moldar sua personalidade. A várzea do rio, os banhos, os canaviais, os engenhos, os moleques, os passeios a cavalo, tudo isso influencia na vida de Carlos de Melo. Pode-se ainda dizer que o espaço da várzea não só tem influência em sua obra, como fala por ele, refletindo um estado de espírito.

4.2 O Engenho e a Casa Grande

Toda produção açucareira não teria sentido nenhum se não existissem os engenhos, ou atualmente, as Usinas. Os engenhos são considerados umas das primeiras formas de produção manufatureira do Brasil, mesmo que de forma rústica. De acordo com KOSTER (2003, p. 429), o engenho de açúcar é uma das mais difíceis espécies de propriedades para ser convenientemente dirigida.

Essa dificuldade de que o autor falar é devido à complexidade das várias funções presentes no funcionamento dos engenhos. Eles não são compostos somente pela unidade de produção. Em torno dele há diversas estruturas que auxiliam no seu funcionamento.

Nos primeiros engenhos, o espaço utilizado tinha uma estrutura diversificada, possuindo a Casa-Grande onde morava o senhor de engenho e sua família, detentora do poder econômico, social e político; a senzala onde ficavam os escravos que trabalhavam nos engenhos, o próprio engenho com sua casa de purgar, que era onde se fabricava o açúcar, a rapadura e a cachaça; uma capela para devoção de algum santo, já que a religião católica predominava; e algumas casas que serviam de moradia para pessoas livres que trabalhavam nos engenhos. É nesse espaço que se desenvolvia toda a atividade em torno da produção do açúcar. (ver figura 1)



Esquema representativo de um engenho tradicional.

Fonte: <http://blog.educacional.com.br/fforcato/>. Acessado em 09-11-2010

Percebe-se que a casa-grande era o quartel-general de comando de toda relação que ali existia. A partir dela que se organizava a vida e onde o senhor de engenho reinava soberano sobre os demais. Lins do Rego retrata em sua obra a grande importância social que a casa-grande impunha no imaginário das pessoas.

A casa-grande subiu a cumeeira, as telhas brilhavam ao sol, a horta cresceu, o engenho suas as paredes, e com pouco o Santa Fé criava o seu corpo, era como gente viva, com os partidos de cana acamando na várzea.” (Rego, 2007 p.212)

Dentro da relação senhorial estabelecida pela dinâmica do espaço dos engenhos, a casa-grande assumia a representatividade de toda a grandeza e poder. Ela era o centro do poder e da tomada de decisões que regiam o funcionamento dos engenhos, e a partir dela, também, eram ditadas e reguladas as relações interpessoais. A casa-grande não é vista somente do ponto de vista físico, com toda sua beleza e grandeza. É vista como um lugar em que as pessoas que nela residem comandam a vida nos engenhos e colocam suas intimidades e suas personalidades. Para escritores e poetas, a casa é o “diagrama da psicologia que os guiam em suas análises das intimidades.” BACHERLAD (1978, p. 222)

A casa é o espaço da intimidade, da proteção e do silêncio. Tem um valor inestimável para o seu dono, não só como abrigo, mas como valor humano que ela

possui. A importância da casa não está restrita apenas ao seu valor físico. A vida que nela se encontra e se faz a torna senhora de valor e sentimento. “Os valores de proteção e de resistência de uma casa são transformados em valores humanos. A casa toma as energias físicas e morais de um corpo humano” (BACHELARD, p. 227). Isso que dizer que o espaço habitado transcende e tem mais valor que o espaço geométrico. Ela possui valores humanos como afirmamos acima.

A partir desse entendimento, podemos ter uma clara ideia da casa-grande, residência dos senhores de engenho, lugar de importância e opulência, mas que só tinha valor com a vida humana que nela existia, no qual o poder apresentado pelo senhor de engenho estava condicionado a sua casa-grande.

A casa-grande, de residência do senhor de engenho, que às vezes alcançava grandeza de solar senhorial com torres e capelas; e a senzala, onde se acumulavam dezenas de escravos, geralmente na forma de barracão coberto de palha. (Ribeiro, 2006 p.256)

Nos engenhos, a casa-grande era construída de forma a facilitar todo o trabalho dentro dela, sobretudo de quem vivia na cozinha já que a maioria das pessoas que trabalhavam eram negras que viviam nos fogões das cozinhas a fazer comida para o senhor de engenho e sua família. Como se percebe, a casa-grande era cheia de pessoas que viviam para obedecer aos caprichos dos senhores. (ver figura 2)



Casa – Grande do engenho corredor pertencente à família de José Lins do Rego e onde ele viveu sua infância. Atualmente passa por um processo de restauração e revitalização, uma vez que se encontrava abandonada e cercada pelo mato, o que comprometia sua integridade física.

Fonte: <http://itahoje.blogspot.com/2010/04/restauracao-do-engenho-corredor.html>. acessado em 30-11-2010

Quanto mais rico fosse o senhor, maior e mais grandiosa seria a casa-grande. Ela era o centro de tudo o que se fazia no engenho. Por ser a construção central, os outros equipamentos dos engenhos deveriam ficar ao seu redor, mostrando todo o seu poder. Quando aparecia uma visita importante é nela que ficava e seria acomodado no espaço de maior conforto.

Quando chegava um hóspede, mandavam para o quarto com a cama do imperador. Compraram este móvel para a visita de Pedro II, no ano de sua passagem pelo Pilar. Mas o rei não parara no caminho e chegara à vila antes do tempo, com os cavalos da comitiva cansados. Era uma bela cama de ferro com bolas de metal amarelo nos varais. Larga, com um lastro de material flexível e, no espelho, uma cena de pintura; anjos a dormir no regaço de Nossa Senhora. (REGO, 2008, p.36)

O fascínio que a casa-grande provocava nas pessoas, por ser ela o centro do poder, também poderia ser motivo de reprovação e preconceito dependendo do engenho e de seu dono. Quando o senhor de engenho era uma pessoa perversa, ocorrendo algum problema financeiro e ele perdendo os bens, os escravos e os trabalhadores abandonavam o engenho, deixando no engenho e, principalmente, na casa-grande, um ar de tristeza e melancolia em um lugar que antes vivera da riqueza. É o que se pode perceber no Romance *Fogo Morto* de José Lins do Rego quando da chegada da abolição da escravatura, na qual os negros ficam livres, eles abandonaram o engenho e a casa-grande do perverso senhor de engenho Lula de Holanda.

E com aquela impressão terrível voltou para a cozinha. Lá havia um silêncio mortal. A cozinha do Santa Fé, sem uma negra, despovoada de sua gente. Todos se foram, todas as negras ganharam o mundo, até a negra Margarida que criara Neném. Não havia quem quisesse ficar no Santa Fé. (REGO, 2007p. 255)

Sendo o senhor de engenho uma pessoa de poucas posses e não possuindo uma casa-grande nos padrões que a aristocracia canavieira exigia, recebia do povo, principalmente dos outros senhores de engenho, o preconceito e a chacota. É o que Zé Lins apresenta no seu romance *Bangüê*:

E quando deixamos o tabuleiro foi para entrar na várzea do Preguiça. Aquilo era lá engenho! Uma gangorra com casa de purgar de palha e o senhor de engenho de pés no chão, no copiá da casa-grande, que era uma tapera. (REGO, 2007 p.147)

Fica evidente com isso o preconceito que as pessoas tinham com quem não possuía muitas terras ou não possuía uma casa-grande nos padrões exigidos pela elite açucareira. Mostra, também, que a aparência é levada em conta quando se quer tratar ou respeitar alguém. Em *Fogo Morto*, Zé Lins retrata a decadência do coronel Lula de Holanda, mas o povo ainda o respeita por ele morar na casa-grande do engenho e possuir muitas terras mesmo estando em total decadência.

O povo que passava pela porta da casa-grande sabia que lá dentro havia um senhor de engenho que se dava ao respeito. Ninguém gostava do velho Lula de Holanda, mas ao vê-lo, com as barbas até o peito todo de preto, de olhar duro e fala de rompante, todos o respeitavam (REGO, 2007 p.281).

A casa-grande é para o senhor de engenho o mesmo que um castelo para um rei na Idade Média, servia de abrigo e era forma de manter o poder e o status adquirido com a lavoura da cana-de-açúcar. No seu apogeu, vivia cheia de gente e fartura, servindo para mostrar toda riqueza e poder dos senhores de engenho. Só a casa-grande já mostrava a importância que exercia na vida das pessoas, uma vez que era nela que morava o senhor de engenho, pessoa poderosa que regulava o cotidiano das pessoas e dominava todo o espaço em que se localizava o engenho.

4.3 O Alpendre da Casa – Grande

O fascínio que a Casa Grande provoca nas pessoas pode ser sentido pelos espaços existentes ao seu redor. As colunas que a seguram, a sua fachada e a sua pintura são marcas de poder. As colunas que sustentam a casa são as mesmas que determinam o espaço do alpendre. “Cobertura salientar geralmente à entrada de um prédio (MINI AURÉLIO SÉCULO XXI, 2006, p. 112).” José Lins apresenta claramente a relação exercida pelo alpendre da Casa-Grande. Nele, o coronel Zé Paulino descansava dos trabalhos diários e as pessoas o procuravam para resolver seus problemas. O alpendre para Zé Lins era o espaço de reflexão da vida. A partir

dele se poderia ver todo o engenho, o canavial, os trabalhadores no eito, e ali o senhor de engenho reinava soberano sobre tudo e todos.

Sempre à tarde, como de costume, Zé Paulino sentava numa cadeira, no alpendre e lá as pessoas se chegavam a ele, na esperança de que o coronel resolvesse seus problemas. À tarde ficava no alpendre, no costume antigo. Vinham os moradores atrás de justiça, de favores pequenos. “E o juiz não era o mesmo.” (Rego, 2007, p. 41). O juiz não era mais o mesmo devido à velhice que chegara e o estado de saúde não ser mais o mesmo, apesar de manter o respeito e a admiração das pessoas.

O alpendre com o senhor de engenho funcionava como uma espécie de tribunal. Tudo poderia ser resolvido naquele espaço. A sua bengala era o martelo. Mas não só problemas e favores o coronel tratava no alpendre. Lá também recebia os amigos, outros senhores de engenho para conversas diárias tendo sempre como foco dessas conversas a terra, o canavial e os trabalhos no eito. Como percebido, o alpendre faz parte do poder dos senhores de engenho e as imagens que ele apresenta são o reflexo do poderio patriarcal estabelecido pela riqueza que o açúcar proporcionava. Ele ultrapassa o tempo e vai ser o lugar onde Carlos de Melo reflete sobre os acontecimentos.

4.4 - O Canavial

O sentido da existência dos engenhos são as canas que dela se fabricam o açúcar, a cachaça e a rapadura. No momento atual, vemos que isso que se produzia nos antigos engenho bangüês são substituídos por apenas um produto e que os engenhos dão lugar agora às usinas modernas.

Zé Lins apresenta em sua obra a imensidão que alcança os canaviais do engenho Santo Rosa, orgulho do coronel Zé Paulino. Eles ocupavam grandes extensões de terra com suas folhas sempre verde e a exuberância da flor – de – cuba. De sua casa, sentado no alpendre, o coronel observava a imensidão que o canavial possuía, tendo apenas sua fisionomia alterada pela linha do trem que cortava todo o canavial e que era o elo entre essa geografia e o além fronteira.

Pode-se imaginar que a vastidão dos canaviais são espaços do silêncio, apenas quebrado pelo balanço das folhas da cana provocado pelo vento. Nessa dimensão toda do canavial, há mais significância que a vastidão apresentada. Há

uma contemplação que é carregada de significados. Significação que deixa o homem em estado de alma, de espírito.

E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular, que o devaneio põe o sonhador fora do mundo mais próximo, diante de um mudo que traz a marca do infinito. (BACHERLAD, 1978, p.196)

É a partir dessa contemplação da imensidão do canavial que Zé Paulino percebe sua grandeza como senhor de engenho. Não existia homem na várzea que tivesse mais terra para plantar cana que ele. O seu partido imenso estendia-se pela várzea, subindo as encostas. Tudo muito trabalhado. Esse espaço ocupado pela cana fez do coronel um grande latifundiário e essa concentração de terra foi, no futuro, gerar sérios conflitos rurais em decorrência da morte dos engenhos com a chegada das Usinas, acabando com toda relação patriarcal antes existente. Agora tudo era para plantar cana.

4.5 – A Estrada

Na obra de José Lins do Rego, um espaço que merece destaque e é de grande importância para a compreensão da ficção regionalista do autor é a estrada, que corta o canavial e na qual se localiza a casa do mestre Zé Amaro. É nela que se passam muitos dos acontecimentos vividos pelos personagens criados por Zé Lins.

O sentido apresentado pela estrada vai muito além de sua configuração geométrica. A circulação humana que por ela passa a torna um espaço de vida. É como se a própria estrada tivesse vida. Ela pode ser considerada como a representação física de um espaço no qual se encontram as diferentes classes sociais que Zé Lins destaca, e onde os personagens dão vida à obra. Esse sopro vital podemos perceber no diálogo entre o pintor Laurentino e o artesão mestre Zé Amaro em frente sua casa.

Bom dia, Mestre Zé – foi dizendo o pintor Laurentino a um velho, de aparência doentia, de olhos amarelos, de barba crescida.
- Está de passagem, seu Laurentino?
- Vou ao Santa Rosa. O coronel mandou me chamar para um serviço de pintura na casa grande. Vai casar filha. (REGO, p.281, 2007).

Na estrada as imagens se tornam reais e ganham corpo; as relações pessoais são mais intensas e a comunicação se faz com naturalidade. A partir dela, o mestre Zé Amaro tem uma visão ampla de todo o vale com o canavial. O mestre Amaro olhou para a estrada, para os fins da várzea muito verde.

Circulava também pela estrada Vitorino, o Papa – Rabo, com sua égua. Personagem cômico da obra de Zé Lins, o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, como se auto denominava, vivia circulando pela estrada e sempre tendo algum entrevero com alguém devido a sua personalidade. Nela, se passam os acontecimentos mais engraçados com Vitorino.

Outro que também utilizava a estrada de forma intensa era o coronel Lula de Holanda, que trafegava por ela com seu cabriolé para ir às missas em Pilar. Representante da aristocracia, o coronel Lula de Holanda passava pela estrada com seu cabriolé e suas campainhas de forma soberba, bem distante das pessoas que circulavam por ela. Nota-se com isso que o espaço da estrada é o único em que as classes utilizavam conjuntamente, mesmo havendo as diferenças sociais.

Como percebido, é na estrada que o cabriolé de Lula de Holanda circula fazendo mal ao povo, bastava as pessoas ouvirem a campanha para que elas vissem na imagem do coronel um homem de coração cruel, rude e impiedoso.

A estrada vai refletir o pensamento do autor no qual todas as imagens por ele criadas e vividas podem se cruzar num mesmo espaço e que a mesma estrada liga dois mundos bastante diferentes: a riqueza do engenho de seu Lula e a simplicidade da casa do mestre Zé Amaro. Essa estrada em que muitas vezes circulou Vitorino Papa – Rabo, em que seu Lula desfilou com o cabriolé e onde mestre Zé Amaro passou boa parte de sua vida se modificou profundamente com a chegada da Usina. Antes pisada pelos senhores de engenho, agora pisada pela borracha dos automóveis, modificando sua paisagem.

A estrada, pisada de automóvel, os partidos de cana subindo para altos aonde nunca foram, e os sítios dos moradores, a casa de Manuel Lucindo com laranjeiras, a casa de José Ludovina com jenipapeiros grandes, a estrada coberta de cajazeiras, tudo isso tinha desaparecido. (REGO, 1979, p.80)

A estrada que ganhava vida no tempo dos engenhos, agora perdeu seu valor sentimental, ficou uma estrada morta. As relações interpessoais cessaram, a circulação se modificou, até mesmo o cheiro das cajazeiras desapareceu. A única

serventia que agora se apresenta é funcionar como escoamento da produção das Usinas.

4.6 – A Cidade

Nos romances de José Lins do Rego, Pilar é a cidade descrita e onde se desenrolam muitos dos acontecimentos vividos. Localizada na várzea do Paraíba, em seu território fica o engenho Corredor pertencente à família de Zé Lins. Com característica interiorana, ela se torna o ponto de contato entre o rural e o urbano na obra. Vivia da tranquilidade até esta ser quebrada pela presença do Capitão Antônio Silvino, que a invade junto com seus cangaceiros. “Numa noite de escuro, Antônio Silvino atacou o Pilar. Não houve resistência nenhuma (Rego, 2007, p. 299).

A invasão do Pilar praticada pelo cangaceiro modificou o cotidiano da cidade. Os presos foram soltos e várias pessoas detentoras de poder fugiram da cidade com medo do cangaceiro e do bando. Foi um grande acontecimento para a cidade. Quem não fugiu ficou observando estático a movimentação e o que os cangaceiros faziam, só se movimentando no momento em que o valente cangaceiro jogou o dinheiro tomado dos ricos ao povo que corria para apanhar, fazendo uma verdadeira algazarra. “Em seguida, mandou sacudir os dois caixões de níqueis no meio da rua. O povo caiu em cima das moedas como galinha em milho de terreiro. O sobrado, todo iluminado, era, na noite escura, como de um conto de fada (Rego, 2007, p. 300)

Esse acontecimento marcou a vida da população que a partir daí tinha o cangaceiro como o pai dos pobres, enquanto os ricos e as autoridades da cidade se refugiaram com medo do Capitão Antônio Silvino. Segundo Zé Lins, Antônio Silvino era tido como um herói para o povo da várzea. Ele estava no imaginário popular e sua lembrança provocava um misto de medo e admiração, sobretudo nas crianças, que em suas brincadeiras o imitavam. Assim, Pilar tornou-se o centro urbano que representa a obra de Zé Lins, um espaço de muitos acontecimentos vividos pelos seus personagens.

5 PERSONAGENS DA OBRA DE ZÉ LINS DO REGO

5.1 O Tripé: Mestre Amaro, Coronel Lula de Holanda, Capitão Vitorino Carneiro da Cunha

Zé Lins criou personagens próximos à realidade por ele vivida na várzea, onde ficava o engenho Corredor, propriedade pertencente a sua família. Dessa forma, aparecem em seus romances figuras humanas como o seleiro Mestre Zé Amaro, Luiz César de Holanda Chacon, o coronel Lula de Holanda, e Vitorino Carneiro da Cunha, o Papa – Rabo. Cada um deles traz uma característica particular que os diferencia dos demais.

Mestre Zé Amaro, seleiro e morador do engenho Santa Fé, que se vê ameaçado de ser expulso da casa em que morava há mais de trinta anos, para onde chegou ainda menino com seu pai, vindo de Goiana. Essa condição de morador das terras dos outros permeia os conflitos que existiam pelo acesso à terra na zona açucareira. Era um trabalhador pobre, que se orgulhava de sua condição de ser branco e livre, numa sociedade marcada pela escravidão. Vivia num centro de boatos espalhados pelo negro Floripes de que se transformava em lobisomem durante a noite. Esses boatos se espalharam rapidamente, atormentando sua vida, e com isso o coronel Lula de Holanda o ameaça de expulsar de suas terras, precisando da intervenção do cangaceiro Antônio Silvino e seu bando em favor do mestre. Convivia com a loucura da filha e isso era mais um motivo para os seus problemas. Pobre e doente acaba se suicidando, como é retratado no trecho a seguir:

Entrou de sala adentro e viu a coisa mais triste deste mundo. O mestre estava caído, perto da tenda, com a faca de cortar sola enterrada no peito.
- Estava morto, capitão.
- Morto? – gritou Vitorino. – O meu compadre José Amaro morto?
A velha Adriana, como uma lesa, não sabia o que dizer. Vitorino abraçou-se com ela:
- Minha velha, o compadre se matou. (REGO, 2007,p. 402)

Esse lamento todo é vivido por Vitorino Carneiro da Cunha, uma figura bastante emblemática na obra de Zé Lins. Primo do coronel José Paulino, vive num eterno conflito para ver Quincas Napoleão, prefeito de Pilar, preso e, José Paulino pagando imposto. Esse conflito existente se dava devido à política local viver às

custas do sofrimento da população e também pelo fato das oligarquias dominarem a vida econômica. Prática essa que perdura até aos dias atuais.

Mesmo sendo retratado como uma figura cômica, ele acreditava na política como forma de promover justiça e igualdade social. Com isso, vivia pregando o combate às oligarquias que dominavam o poder. Considerava-se valente a ponto de defender os interesses dos mais fracos. A sua forma física e a maneira de se vestir era motivo de chacota para o povo que o denominava de Papa – Rabo, deixando-o bastante irritado conforme constatamos no trecho abaixo:

Seu Lula levantou-se lívido, as barbas cresceram na luz da lâmpada de álcool:

- Não admito este insulto, capitão.

- Não estou inventando. Vitorino Carneiro da Cunha fala a verdade até debaixo d'água.

Apareceu o coronel José Paulino para acomodar. Vitorino parecia furioso com o dono da casa, porque foi lhe dizendo:

- Não se meta, primo, isto é conversa de políticos.

- Vá para dentro, Vitorino.

- Não sou negro. Fale assim com os cabras de sua bagaceira.

Foi com uma gargalhada geral. Todos acharam graça no disparate de Vitorino. Seu Lula saiu com o velho José Paulino para o outro lado do alpendre, e Vitorino começou a falar:

- Este Lula de Holanda tem luxo, de besta que é. Chegou aqui mais pobre do que Jó, e só anda de carro. Bicho preguiçoso. (REGO, 2007, p.282)

O coronel Lula de Holanda é parente do capitão Tomás Cabral de Melo, casando com a filha deste. Rapaz cerimonioso e de boa aparência. Não era homem dado ao trabalho, por isso não tinha o menor jeito para gerir o engenho herdado com a morte do sogro. Aos poucos, os escravos e o partido de cana estavam entregues ao mato. Sem saber cuidar do engenho e dos negócios herdados, o Santa Fé, de sua propriedade, foi aos poucos perdendo a grandeza de outrora. A culminância disso se deu com a abolição da escravatura. Esse acontecimento fez com que os negros abandonassem o engenho Santa Fé fugindo da violência praticada por seu Lula contra eles.

Lula de Holanda vivia a castigar severamente os seus escravos, tinha prazer nisso. A sua crueldade contrastava com o homem religioso que era. Quando ia às missas, sentava-se na frente, se ajoelhava no chão e rezava fervorosamente sem sequer levantar a cabeça, como estivesse se purificando de todos os pecados. O povo via naquilo uma blasfêmia. Um homem rude que vivia a castigar os outros e depois ia às missas rezar.

O povo olhava para aquele luxo com prevenção. Fidalgo de porcaria. Viera de Recife com a roupa do corpo e ali parecia que tinha o rei na barriga. O capitão entrava na igreja, com a barba preta e o terno de casimira, com cabeça pendida para o chão, e batia nos peitos, e rezava como uma devota. (Rego, 2007, p. 249)

Pelas narrativas apresentadas por Zé Lins, percebe-se que Mestre Zé Amaro, Coronel Lula de Holanda e Vitorino Carneiro da Cunha estão unidos nas frustrações e problemas que aconteciam na várzea. Isso evidencia o caráter vivo da obra de Zé Lins ao ligar pessoas tão diferentes socialmente e que apenas se encontram nos diálogos que travavam em torno de suas desgraças, sem, contudo, compreender os motivos que os levaram a essa situação.

5.2 Carlos de Melo e Coronel José Paulino

Carlos de Melo, Carlinhos, Doidinho e Dr. Carlos de Melo são as mesmas personagens criadas por Zé Lins em sua ficção. Obedecendo à ordem cronológica dos fatos, retrata para o leitor toda vida do neto do poderoso senhor de engenho da várzea, coronel José Paulino.

Criado pelo avô após a morte da mãe e com a prisão do pai, Carlinhos revela o universo existente, “um mundo novo iria se abrir para ele.” (Rego, 2004, p. 37)

Cada fase da vida de Carlinhos foi marcada por acontecimentos que moldaram sua personalidade. No início, a convivência era com os moleques da bagaceira e os banhos de rio. Ao entrar na escola, foi marcado o fim de sua infância. Não seria mais chamado de Carlinhos como antes. Agora seria apenas Carlos de Melo. Há na personagem um certo trauma com a chegada à escola e a separação da vida no engenho. A liberdade de antes desaparece, entrando em cena a disciplina e o rigor de internato. Seu Maciel tornou-se o algoz que nem mesmo a força do avô o detém. Essa constatação pode ser percebida em Doidinho quando ele diz que: “E quanto mais sabia, mais ia vendo que o velho Zé Paulino não era tão grande como eu pensava. Era bem pequeno o seu poder, comparado como o dos governadores e o dos presidentes.” (REGO, 1995, p. 48)

É a partir desse momento que ele começa a ver que o seu avô não é tão grande e importante como ele imaginava. A realidade começa a aparecer na vida de Carlos de Melo ou Doidinho, como fora denominado na escola pelos alunos, numa

espécie de bullying. A descoberta do mundo por Carlos de Melo é acompanhada pelo modo subjetivo de interpretar esse mesmo mundo (CHAGURI, 2007, p. 119). Para ele, os heróis começam a perder força, o mundo se abre. Não o mundo físico, mas sim o mundo psicológico vivenciado agora pela restrição da liberdade.

5.3 Outros Personagens

Muitos são os personagens, além dos já criados anteriormente, que são destaques na obra de José Lins do Rego, cada um assumindo uma função e característica específica nos romances. Essas figuras criadas por Zé Lins compõem o cenário descrito pelo autor em torno da várzea com seus engenhos e as relações sociais existentes.

A extensão de sua obra e a grande quantidade de personagens por ele criado, torna difícil destacar todos eles. Dessa forma é que se aprofundou mais na análise daqueles que mais destaques e importância tiveram na obra, não que os outros personagens não fossem de relevância para a narrativa.

Entre os personagens criados por Zé Lins fora os que já apresentamos e que merecem também destaque temos o Moleque Ricardo. Morador do engenho Santa Rosa que junto com sua família abandona o engenho e vai viver a vida urbana no Recife. “Um dia um condutor de trem de Recife gritou-lhe no ouvido já na hora da partida: Quer ir comigo, moleque?” (Rego, 2008, pp. 29 - 30). Esse foi o convite esperado para o moleque deixar a bagaceira. A vida agitada no Recife, porém, não é suficiente para fazer com que Ricardo esqueça a vida rural.

Há nele uma enorme saudade da infância e do espaço rural, um dos traços da obra de Zé Lins, é o saudosismo e a paixão pela terra. Depois de passar por grandes dificuldades e até ser preso por algum tempo em Fernando de Noronha, Ricardo retorna à várzea e percebe toda a modificação causada pela instalação da usina.

Além de Ricardo, podemos ainda citar o Dr. Juca, tio de Carlos de Melo, que assume o Santa Rosa e cria a Usina Bom Jesus. Sua vida regada de luxo e prazeres no Recife e na Paraíba é uma das causas da falência da Usina. Podemos perceber com isso que Zé Lins retrata muito bem a decadência das oligarquias e das pessoas que dela fazem parte.

Esses são apenas alguns dos personagens masculinos criados por Zé Lins que deram vida e imaginação a sua ficção regionalista. Muitos outros também tiveram importância, mas a grandiosidade de sua obra impede de citarmos todos.

5.4 A Mulher na Obra de Zé Lins

Toda obra de José Lins do Rego está centrada na condição memorialista do autor que revive na ficção personagens que existiram em sua infância e continuaram em sua vida adulta. Nisso, o memorialismo é uma das características centrais que permeia sua obra.

Além dos personagens masculinos já citados e que englobam a obra de Zé Lins dando um cunho memorialista, há também nela várias personagens femininas que serviram para moldar a personalidade de Carlos de Melo. As personagens femininas de Zé Lins são apresentadas ao leitor através do diálogo estabelecido entre passado e presente do autor narrador. Em sua obra, as mulheres são expostas ao leitor a partir das várias vivências pessoais. São mulheres que estão ainda vivendo na cultura tradicional judaico cristã de obediência e servidão ao homem. É o que notamos no trecho a seguir em que sinhá Adriana, mulher de mestre Amaro, tem que se submeter aos desejos de seu marido, sem, contudo, reclamar configurando uma total subserviência:

Quando o marido se chegava para ela, sentia como se fosse nojo. E lembrava-se quando ficara grávida de Marta o quanto padecera para poder agüentar a companhia de Zeca. Era cheiro de sola, a inhaca medonha de que não podia se separar. (REGO, 2007, p.99)

Esse relato mostra o quanto a mulher tinha que se submeter às vontades e caprichos do marido devido ao seu comportamento. Nele, vemos que sinhá Adriana tem que suportar pacientemente o mestre Zé Amaro com o seu cheiro de sola. A obediência aos caprichos do homem por parte da mulher era comum ainda no início do século XX, principalmente na sociedade machista que havia. A mulher ainda era tratada como objeto.

Nessa sociedade, as mulheres têm como tarefa cuidar da vida privada e da família. Elas são encaradas como corpos reprodutores e que pertenciam a outra metade masculina (OSTROWETSK, 2004). As mudanças causadas a partir de 1930

na sociedade brasileira fazem com que a mulher ganhe mais espaço e com isso ela adquira mais importância na literatura modernista. Com o Modernismo, os problemas sociais brasileiros vêm à tona, incluindo a situação da mulher. Dessa forma, Zé Lins inclui em sua obra toda situação vivida pela mulher nordestina, sobretudo a que estava diretamente ligada à produção açucareira.

A formação intelectual de Zé Lins, que destaca o memorialismo e a conservação dos valores vividos na várzea, constrói em sua obra alguns tipos de mulheres que podem ser especificadas a partir de suas virtudes e mazelas.

Tratando do conformismo da mulher diante do convívio familiar e social, Zé Lins mostra a mulher presa ao ideário judaico – cristão. Essa narrativa que ele apresenta da mulher conformada com a situação vivida pode ser encontrada nos romances ***Menino de Engenho, Doidinho, Meus Verdes Anos e Usina***. Nesses romances podemos perceber a placidez e o recato da mulher presa à tradição cultural e religiosa, característica marcante na cultura ocidental.

Esse conformismo fica evidente neste trecho do romance *Usina*, quando o autor relata que D. Dondon, esposa de Dr. Juca, sabe da vida que o marido levava com outras mulheres mais não faz e não fala nada já que casou sabendo dessa situação.

D. Dondon não podia deixar de saber das vadiagens do marido. E calava. Casara-se sabendo das histórias do noivo. Falavam das cabrochas do engenho, de raparigas na Paraíba. Outras, como ela, teriam tido maridos assim. Ali pelos engenhos os maridos tinham direitos que elas mulheres respeitavam. (REGO, 1978, p.72)

Vemos com isso que submissão e conformismo era prática comum e que as mulheres aceitavam naturalmente toda essa situação sem reclamar. Eram mulheres que viviam apenas para gerenciar os trabalhos domésticos, sendo muitas vezes tratadas com crueldade e violência, é o que se via em “Judite que vivia apanhando do marido” (Rego, 2004, p. 62).

Em outras narrativas da obra de Zé Lins, a mulher assume uma posição e uma personalidade bastante diferente do conformismo já citado. São personagens femininas que ousam, que têm outra mudança comportamental. Esse tipo de personagem feminina podemos encontrar nos romances *Bangüê* e *Moleque Ricardo*. Neles, encontramos mulheres que incorporam as reivindicações e outras que lutam com o seu marido pelo movimento sindical.

Em **Banguê**, a presença de Maria Alice no engenho impulsiona a paixão de Carlos de Melo por ela. Mesmo sendo neto de coronel, encontra dificuldade para conquistar o coração da bela Maria Alice. Moça prendada que tocava piano, mas também uma conhecedora das peripécias do Rio (Rego, 2007, pp. 91-92). Apesar de ser casada, não tinha preocupação em andar à cavalo com o Dr. Carlos de Melo. Esses passeios mostram a ousadia que a mulher adquiria numa sociedade machista e preconceituosa.

Essa ousadia de Maria Alice também é percebida em D. Laura, esposa do líder sindical pernambucano Dr. Pestana. A vida política do esposo a entusiasmava. Ela era uma grande incentivadora do Dr. Pestana. “D. Laura ardia de entusiasmo. Desta vez o marido chegaria aonde ela ansiava, numa tribuna de deputado (Rego, 2008, p. 101)) O Dr. Pestana utilizava a condição de líder sindical para fins políticos, revoltando o jovem Carlos de Melo. Isso influenciava D. Laura que passa a traçar estratégias para a campanha eleitoral do marido.

A casa do Dr. Pestana aumentava de importância. A alta política traçava planos na sala de jantar com D. Laura influenciando em tudo. O espírito vivo da mulher era quem manobrava a ambição do marido. A deputação estava garantida nas próximas eleições. (REGO, 2009, p.117)

Essa condição vivida por D. Laura mostra uma mulher à frente de seu tempo, com pensamentos em evolução, fruto da situação político – social que o Brasil atravessava naquele período. Mesmo ainda sendo uma sociedade discriminatória em relação à mulher, a ousadia de D. Laura pode ser entendida como uma mudança nas relações e no tratamento dispensando à mulher. O conformismo de antes perde espaço e entra em cena a mulher que trabalha, que cria e opina na vida masculina.

Segundo Sacramento (2006), mesmo sendo mulheres que com sua ousadia não aceitam o conformismo, são desqualificadas em suas opções. Isso mostra que com todo pensamento de libertação, as mulheres ainda enfrentavam o machismo presente na sociedade. A tão sonhada independência feminina ainda estava distante.

Há também na obra personagens femininas que sabem ter discernimento. É o caso de D. Amélia no romance **Fogo Morto**. Nele, percebemos que a senhora de engenho mantém a calma e o discernimento diante da loucura do marido e da derrocada do sistema oligárquico de que participava. É ela quem fazia com que o

engenho continuasse a progredir sem que o marido soubesse, provando com isso a força da mulher numa sociedade excludente.

Seria somente ela quem teria coração, quem teria olhos para ver, ouvidos para ouvir, que era a ruína do Santa Fé. O engenho na última safra quase que não moera por falta de animais. Fora ela quem, às escondidas de Lula, mandara comprar com dinheiro que tinha guardado, uma parelha de éguas no Gurinhém. (REGO, 2007, pp. 287 – 288)

Mesmo sendo uma mulher que possui discernimento e força de vontade, D. Amélia sofria dos mesmos problemas que outras mulheres de sua época sofriam. A decadência é o tema desse romance, onde todos os personagens adoecem em consequência de um sistema sócioeconômico em derrocada. Todos os personagens nesse romance encarnam a decadência, não importando a classe social a que pertenciam. Homens e mulheres participam do apogeu e declínio desse sistema em que todos estão sujeitos às mazelas advindas, não havendo vencedores e nem vencidos.

A presença da mulher na obra de Zé Lins não se restringe apenas às mulheres aqui já citadas. Muitas outras tiveram papel determinantes na elaboração da obra e na vida pessoal de Carlos de Melo. Ao analisar a presença da mulher, não se pode esquecer da mulher negra, escrava, de fundamental importância nas narrativas de Zé Lins. Era ela quem vivia nas cozinhas das casas – grande, único espaço que tinha “certa liberdade”. É com as escravas que o menino Carlinhos tem sua primeira experiência sexual. Nessa sociedade, a mulher negra servia apenas para satisfazer os desejos sexuais do proprietário branco e como objeto de fetiche GOMES (2009, p. 83). Entre as mulheres negras de destaque, tem-se Zefa – Cajá, descrita por Zé Lins como uma negra de corpo escultural que era objeto de desejo dos homens da várzea.

Toda dificuldade enfrentada pela mulher, quando se tratava de mulher negra era bem maior. Não somente a escravidão que a humilhava, mas ter que satisfazer o branco perverso que a utilizava conforme seus interesses sexuais. Em Zé Lins, as mulheres negras ou estão na cozinha ou são mulheres que vivem a se relacionar com os homens da várzea. Muitas delas adquirem doenças do mundo e transmitem a quem com elas mantêm relações.

Tinha uns 12 anos quando conheci uma mulher como homem. Andava atrás dela, beirando a sua tapera de palha, numa ânsia misturada de medo e de vergonha. Zefa Cajá era a grande mundana dos cabras do eito. Não me queria.

- Vá se criar, menino enxerido.

Mas eu ficava olhando para a mulata com vontade mesmo de fazer coisa ruim. Ficou comigo uma porção de vezes. (REGO, 2004, p. 142)

Essa citação serve para comprovar o poder de atração que as mulheres possuíam sobre os homens, mesmo ela sendo de classe social desprivilegiada. Quando se fala da mulher negra na literatura, sua representação só vai existir nos textos regionalistas, mesmo assim através de sua condição de propriedade do branco., na cozinha ou sendo meretriz. A sua identidade vai ser associada a sua cor. Assim, sua representação na literatura será fruto da consciência que cada autor possui e que autores regionalistas como Zé Lins aborda como forma de mostrar os conflitos raciais entre brancos e negros que as elites brasileiras sempre tentaram mascarar.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas aqui analisadas de José Lins do Rego mostraram um literato muito aproximado de sua terra, um homem telúrico, que desenvolveu seus textos muito próximos da oralidade e das expressões regionais.

A partir desse contexto, analisou-se, no presente trabalho, que o espaço na obra de José Lins do Rego, é compreendido por vários segmentos que formam os engenhos nordestinos. O espaço que se procurou analisar não se refere apenas ao contexto físico, mas sim as suas relações interpessoais e patriarcais. Ao escrever sobre os engenhos e sua decadência Zé Lins criou um ciclo dentro de sua vasta obra chamado de *ciclo da cana-de-açúcar*. Esse ciclo é o mais importante da obra e onde estão incluídos seus principais romances.

Em sua obra regionalista, Zé Lins unifica os dramas vividos por senhores de engenhos, trabalhadores do eito, escravos, ex-escravos, sertanejos e cangaceiros. Esses dramas todos estão ligados à decadência do patriarcado rural da zona açucareira do Nordeste. Participante desse patriarcado, ele narra aquilo que sentiu dos problemas nordestinos por meio da vivência legítima. O memorialismo é fundamental para se compreender a obra do narrador popular que foi José Lins do Rego, sendo o memorialismo fruto da experiência acumulada pelo romancista, transpondo o real para o ficcional.

Como analisado, os espaços presentes em sua obra são carregados de significado. São espaços que recordam momentos da vida do personagem Carlos de Melo. Todos eles são apresentados ao leitor como representação da vida rural nos engenhos da várzea. Ao leitor é interessante perceber que muitos desses espaços retratados por Zé Lins permanecem presentes no panorama atual da várzea do Paraíba. Suas funções sociais já não são as mesmas do passado, mas os valores históricos e sentimentais continuam presentes. Estrada, pontes, ferrovia, engenhos, canavial, igreja, tudo isso permanece presente junto com a vida pacata de seus habitantes que, em sua maioria, não conhece o valor deste escritor para sua região.

O valor que Zé Lins deu à sua terra também o inspirou na criação dos personagens que marcaram sua obra e que serviram como exemplos de uma sociedade elitista e desigual. Através das lembranças do passado é que o narrador situou cada figura humana em seus aspectos sócioeconômicos, demonstrando que o homem vale pelo que tem e o que aparenta ter.

As pessoas que habitam essa região sabem apenas que se trata do lugar em que nasceu o escritor José Lins do Rego. Muitos nem isso sabem. O esquecimento torna-se uma marca na vida das pessoas. Como se trata de uma obra que se reporta ao nosso passado, a nossa recente história poder-se-ia levar para a sociedade e a escola meios de difundir os significados de cada espaço retratado por Zé Lins. Essa divulgação com certeza faria com que a nossa cultura fosse difundida e repassada às novas gerações.

Fazendo com que as pessoas tivessem contato com a terra do escritor e percebam a importância que ele teve na literatura brasileira ao incluir pessoas, lugares e falares nos textos literários num momento em que a literatura nacional passava por grandes modificações. Espera-se com isso que a pesquisa alcance o seu objetivo que é apresentar e divulgar a importância que o espaço assumiu na obra de José Lins do Rego. O espaço não como produto físico, mas como reflexo do sentimento que o autor possuía de sua terra.

7 – REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução de Joaquim José Moura Ramos... (et al). São Paulo: Abril cultural, 1978.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed.- São Paulo, Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. 3. ed.– São Paulo : Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, e J Aderaldo. **Presença da Literatura brasileira: história e crítica**. 12ª ed. Revista. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo**. Dissertação de mestrado. Unicamp. 2007.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 19ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GOMES, Carlos Magno. **A mulher negra no Modernismo**. In: **Revista Fórum Identidades**. Ano 3, Volume 6, jul-dez de 2009.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brail**. Tradução de Luis da Câmara Cascudo. 12ª ed. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo, Cultrix, 2008.

OLIVEIRA, IranilsoN Buriti de. **O autor e a autoria: José Lins do Rego em cena**. In: ALPHARRABIOS. Revista do curso de Historia, UEPB – EDUEP. [2005]

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho: Romance**, 87ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. **Fogo Morto: Romance**. 66 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

_____. **Meus Verdes Anos: Memórias**. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

_____. **Doidinho: romance.** 35ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995

_____. **O Moleque Ricardo: romance.** 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

_____. **Usina.** 9ª ed. - Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

_____. **Bangüê: romance.** 22ª ed - Rio de Janeiro, José Olympio, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo. Companhia das Letras, 2006.

SACRAMENTO, Sandra M^a. P. do. **A mulher na obra de José Lins do Rego.** Doutoranda em Letras. UFRJ, [2006]

TRIGO, Luciano. **Engenho e Memória: O Nordeste do açúcar na Ficção de José Lins do Rego.** Rio de Janeiro, TOPBOOKS, 2002.

OSTROWETSKY, Sylvia. Se a mulher não existisse. Soc. Estado. Brasília, v. 19, n. 2, dez. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922004000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 nov. 2010. doi: 10.1590/S0102-69922004000200009.

